

# Bolsonarismo on-line: “Com ou sem democracia, salvemos o capitão!”

PRISCILLA DIBAI

**RESUMO:** Discutimos os sentidos construídos em torno da primeira manifestação de rua pró-governo, em um grupo on-line de apoiadores de Jair Bolsonaro. Acompanhamos a comunidade de 18 a 26/05/2019. Duas narrativas principais disputaram o acontecimento: a pró-ruptura democrática e a contrária ao intervencionismo. Com o passar dos dias, os discursos intervencionistas são silenciados e ressignificados como prejudiciais ao presidente, mas não com base na democracia e sim na devoção ao líder.

**PALAVRAS-CHAVE:** Democracia. Autoritarismo. Jair Bolsonaro. Comunicação on-line.



## On-line bolsonarism: “with or without democracy, we save the captain!”

**ABSTRACT:** We discussed the meanings built around the first pro-government street demonstration, in an online group of supporters of Jair Bolsonaro. We accompany the community from 18 to 26/05/2019. Two main narratives disputed the event: the democratic pro-rupture and the one against interventionism. As the days go by, interventionist speeches are silenced and re-signified as harmful to the president, but not based on democracy but on devotion to the leader.

**KEYWORDS:** Democracy. Authoritarianism. Jair Bolsonaro. Online communication.

---

**PRISCILLA DIBAI**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Universidade Federal da Bahia (POSCOM - UFBA).  
E-mail: dibai.priscilla@gmail.com

---

RECEBIDO: 20/08/2019

APROVADO: 30/01/2020

## 1 Introdução

A ideia de uma manifestação de apoio ao governo de Jair Bolsonaro começou a circular no grupo on-line que aqui analisamos, no dia 17 de maio de 2019. Aquele seria o primeiro protesto de rua em apoio ao governante, que, em cinco meses no cargo, já enfrentava derrotas no Legislativo, resistência contra os cortes na educação e críticas de opositores, aliados e imprensa. O ato foi marcado para um domingo, dia 26 de maio, e os apoiadores on-line deram grande ênfase ao tema.

Nosso objetivo é reconstruir os processos de disputa de sentido em torno dessa manifestação, identificando e analisando as principais narrativas e inimigos construídos, com foco nos valores e nas crenças materializados por essa amostra de partidários do presidente. Partimos da premissa de que Jair Bolsonaro alinha-se à direita radical, espectro que vem crescendo em todo o mundo, desde o fim do século XX.

O contexto, quando o ato pró-governo foi convocado, era de pressão e crítica a Bolsonaro. Na esfera pública, as opiniões desfavoráveis ao político ganhavam força. As matérias que avaliavam os primeiros 100 dias de governo costumavam sinalizar uma atuação abaixo do esperado e apontavam “erros” na gestão (GORTÁZAR, 2019). Havia cobrança pela resolubilidade dos problemas econômicos – frente ao baixo crescimento da economia e ao alto índice de desemprego – e críticas à maneira como o presidente conduzia o país, priorizando projetos e iniciativas julgados de segunda ou terceira importância – como o fim da multa pelo não uso da cadeirinha de carro para crianças, o recolhimento das cadernetas de saúde que ensinavam jovens a usar preservativos, a diminuição do imposto sobre os cigarros e a retirada de radares de rodovias federais.

Os problemas de articulação política, o excesso de intrigas e as controvérsias geradas, inclusive via Twitter – rede social muito utilizada pelo presidente e seus filhos – colocavam em dúvida a capacidade de Bolsonaro de governar. Paralelamente, os noticiários mostravam pesquisas de opinião com sequências de queda em sua popularidade. Além disso, no início de maio, o governo anunciou expressivos cortes no orçamento das universidades e

institutos federais de educação, o que gerou reação de uma parte da sociedade e deu origem ao primeiro bloco de protestos contra o governo.

A ingerência dos filhos do presidente no governo, com desentendimentos com a cúpula militar, a troca de ofensas entre a ala militar e Olavo de Carvalho e a insatisfação de políticos de tendência mais neoliberal com a inércia econômica indicavam fissuras também no campo da direita. As derrotas na Câmara – que retirou o Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf) do Ministério da Justiça e rejeitou a Medida Provisória (MP) 870 que transferia a demarcação de terras indígenas da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para o Ministério da Agricultura – fortaleciam a imagem de crise no governo.

No dia 17 de maio, a imprensa divulgou que Bolsonaro compartilhara via WhatsApp um texto de autor desconhecido de que o Brasil seria ingovernável sem conchavos (BOLSONARO..., 2019). O fato teve grande repercussão e abriu margem para interpretações ou de que o presidente renunciaria ou que dava um ultimato à democracia. No mesmo dia, o jornalista Reinaldo Azevedo, em sua coluna na Folha de São Paulo, chamou o presidente de raso e mesquinho e afirmou que seu “*impeachment* entra no radar” (AZEVEDO, 2019, [s.p.]).

No dia 18 de maio, o jornal Estado de São Paulo assinou um duro editorial no qual considerava o presidente inábil para governar e para a vida democrática, inclusive por insuflar “bolsonaristas” “contra o Congresso e ministros do STF (Supremo Tribunal Federal)”, convocando ato popular e “flertando com golpes” (A AMEAÇA..., 2019). O texto do Estadão sugeria que o protesto do dia 26 era uma ameaça à democracia.

Possivelmente seguindo a interpretação dada por parte da mídia de que a manifestação pró-governo pediria ruptura institucional, os movimentos de direita Movimento Brasil Livre (MBL) e Vem pra Rua, muito ativos no processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, se negaram a participar do evento, seguidos do deputado federal Kim Kataguirí (DEM - SP) (cf. BENITES, 2019) e da deputada estadual Janaina Paschoal (PSL - SP) (cf. JANAÍNA..., 2019). Os motivos alegados por ambos foi a defesa da democracia.

## 2 Método e limites

Os dados foram coletados da madrugada do dia 18 de maio (uma hora da manhã) até o fim da noite do dia 26 daquele mês, data da manifestação. A conversa foi extraída via Telegram Desktop, totalizando mais de 44 mil mensagens. Por conta da demanda, não incluímos na análise vídeos e áudios. Durante a extração, as conversas migraram para o formato HTML, sem grandes perdas no conteúdo.

No período analisado, o grupo tinha mais de 15 mil integrantes. Hospedada no Telegram, a comunidade é aberta, mas se declara exclusiva a pessoas de direita e apoiadores do governo. Adotamos a estratégia de estudar um caso emblemático, real, midiático, ainda futuro – portanto em construção –, mas com datas de início e final pré-determinadas, em um contexto de tensão política, de maneira a investigar as marcas que diferentes posições discursivas deixaram ao falar/construir esse evento (VÉRON, 1980).

O método escolhido foi o estudo de caso, a partir da técnica da análise de conteúdo. O estudo de caso permite que ocorrências particulares diretamente relacionadas a um fenômeno maior e mais abrangente (aqui, a ascensão e fortalecimento de uma direita mais radical no Brasil e no mundo) possa ajudar na compreensão desse mesmo fenômeno. Já a análise de conteúdo (AC) possibilita trabalhar com grandes bancos de dados, compreendendo as comunicações para além dos seus significados imediatos. A partir da leitura atenta, nos foi possível descrever mecanismos e referendar as interpretações e correlações realizadas (BARDIN, 1977). Como nas comunidades on-line diversos recursos são admitidos – inclusive texto e imagem –, focamos na AC para tentar captar, com mais abrangência, as opiniões e seus registros: estereótipos, valores, regras, preconceitos, normas, traços do conflito e do argumento (BAUER, 2002).

Durante o processo de acompanhamento do grupo, notamos que duas narrativas se destacavam: i) as favoráveis à supressão da democracia (discursos pró-intervenção militar, artigo 142 e fechamento do STF/Congresso); e ii) as contrárias à inclusão dessas pautas na manifestação. Em relação aos inimigos construídos, mapeamos as personalidades, instituições e/ou movimentos: MBL, Câmara dos Deputados, STF, esquerda, Lula, Rodrigo

Maia, Janaina Paschoal e Kim Kataguiri. Também observamos as expressões em torno deles, principalmente adjetivos, xingamentos, apelidos e sentimentos.

Após essas definições, utilizamos o recurso da busca por palavra-chave. Essa técnica permitiu mapear ocorrência, dia, autor, antecedentes, precedentes e sentidos dos termos de interesse, além de ser perfeitamente compatível com o formato HTML, evitando que o conjunto de dados fosse reconvertido e gerasse possíveis perdas. Identificamos nos quadros 1 e 2, abaixo, os temas e os buscadores correspondentes.

**Tabela 1 – Palavras-chave sobre o acontecimento**

Temas	Buscadores
Intervenção militar, ditadura	interv; militar; ditad; regime
Artigo 142	142; artigo
Fechamento do Congresso/STF	fech; stf; congres
Apoio às reformas	Reforma; previd; anticrime
Democracia, povo nas ruas	Democr; povo

Fonte: Elaborado pela autora.

**Tabela 2 – Palavras-chave sobre os inimigos**

Temas	Buscadores
MBL	MBL
Kim Kataguiri	Kim; kata
Centrão	centr
Rodrigo Maia	Maia; nhonho
Janaina Paschoal	Jana; pasc
STF	Stf; supremo
Lula	Lula, molusco, nine
Esquerda	Esquerd

Fonte: Elaborado pela autora.

### 3 Discussão teórica

A formação de certas comunidades na internet vem colocando questões ao campo acadêmico, sobretudo pelo potencial de produzir e difundir conteúdos não apoiados em evidências (falsas), de teor odioso, crenças conspiratórias, execração de certos grupos

sociais, bidivisão extrema da sociedade e comportamento discriminatório (PERRY; SCRIVENS, 2015; SCRIVENS, 2017; ALBRECHT *et al.*, 2019; DARMSTADT *et al.*, 2018). Tem surgido como questão importante refletir até que ponto essas conversas são civis e tolerantes (RECUERO, 2019; ROSSINI, 2019) e quais seus potenciais riscos à coletividade e à democracia (DANDEKAR, 2013; SCRIVENS, 2017; SUNSTEIN, 2009).

Partimos da premissa de que a ampliação e a disseminação desses discursos e práticas estão relacionadas à reascensão do ultradireitismo, já reconhecido pela literatura como um fenômeno que cresce em todo o mundo (BETZ, 1993; MINKENBERG, 1998; 2000; MUDDE, 2000), com a peculiaridade de, agora, disputar votos nas democracias (MINKENBERG, 2000).

É notório que uma versão dessa direita mais radical triunfou no Brasil, a partir da vitória presidencial de Jair Bolsonaro, em 2018, embora pesquisadores venham sugerindo seu crescimento desde os anos 2010. O fortalecimento da bancada evangélica e suas pautas (DANTAS, 2011), o recrudescimento do (neo)conservadorismo neopentecostal (ALMEIDA, 2017), o surgimento de um quadro de formadores de opinião dessa “nova direita” (MESSENBURG, 2017) e o protagonismo político assumido pela direita nas manifestações de rua contra o governo Dilma Rousseff (ORTELLADO; SOLANO, 2016) são alguns desses exemplos. De forma geral, essas pesquisas indicam convergências nas narrativas dessa ideologia, principalmente a colocação dos valores morais no centro do debate; o apego às ideias de ordem, segurança, punição e pátria; e a intolerância em relação às variadas formas de credos religiosos, sexualidades e divergência política.

Atendo-nos ao universo de apoiadores de Bolsonaro, sabemos tratar de um grupo bastante heterogêneo (KALIL, 2018; SOLANO, 2018), de maneira que variações expressivas podem ser encontradas a depender da amostra escolhida e do foco do trabalho. Com base em entrevistas, Kalil (2018) traçou 16 perfis para os partidários do bolsonarismo, que incluem desde o tipo “cidadão de bem” até gays de direita, másculos viris e monarquistas. Seu objetivo, naquele momento, parecia ser exatamente captar essa diversidade. Solano (2018), por sua vez, também entrevistou “simpatizantes”

de Bolsonaro, identificando os principais “argumentos” usados para a adesão a esse político, sendo o desejo por um Estado forte e punitivo, a crítica aos direitos humanos, o apoio a Lava Jato, a defesa da meritocracia etc alguns dos temas mais citados.

No caso da nossa pesquisa, os membros não são estimulados a opinar, participar ou (re)agir. Sendo assim, a conversa segue a dinâmica do próprio grupo, considerando que há aqueles que interagem e os que não interagem. Além disso, nos atemos a analisá-los na internet, ambiente de comunicação/interação sem filtros e sem comprovação de identificação; criado, alimentado e regulado diretamente por eles, com autonomia quase total, de modo que a condição própria do ambiente pode implicar nos resultados.

É importante ficar claro que nosso referencial de análise é o conteúdo postado e as conclusões têm base no que foi materializado nessas conversas, independentemente da quantidade de usuários que participaram diretamente, de seus “perfis” ou quaisquer outras composições pessoais. Para a nossa pesquisa, o engajamento com o líder/causa é um preditor importante, que cremos impactar na própria percepção da verdade e do justo, além de modalizar a (re)ação. A vinculação ideológica produz uma percepção de semelhança, que funciona como um elemento de conexão (SUNSTEIN, 2001) e contribui para interações mais duradouras (BRIGHT, 2018). Assim, pessoas de mesma afiliação partidária tendem a se procurar e viver nas mesmas redes sociais (SUNSTEIN, 2001).

Cada vez mais instalados nas plataformas digitais, os partidários de viés mais radical têm aproveitado a falta de controle editorial e governamental tradicional para transmitir, de forma direta e global, com menos burocracia e mais anonimato, seus conteúdos. Assim, a reciprocidade e o compartilhamento entre usuários os vinculam, potencializando suas narrativas.

Entre as consequências preocupantes da formação dessas comunidades, estão o ataque odioso a pessoas, grupos ou instituições (PERRY; SCRIVENS, 2016; SCRIVENS, 2017; RISIUS *et al.*, 2019); a desinformação intencional (FAUSTO NETO, 2018; TUCKER *et al.*, 2018; RISIUS *et al.*, 2019); a formação de câmaras de homogeneidade ideológica e a polarização severa (SUNSTEIN, 2001; DANDEKAR, 2013; BRIGHT, 2018), além da superestimação,

pelos membros, de suas causas e lideranças (WOJCIESAK, 2011; SCHULZ *et al.*, 2018).

Ao integrarem uma rede on-line, esses partidários tendem a forjar uma identidade coletiva, construída por meio do reforço a certos medos e valores, com a simultânea promoção dos membros do grupo e a hostilização dos inimigos, no formato “nós x eles” (SCRIVENS, 2017; RISIUS *et al.*, 2019, DARMSTADT *et al.*, 2018; SCHULZ *et al.*, 2018). Nesse processo, se a causa/pauta for relevante para o indivíduo, ele tenderá a suprimir a individualidade e focar na identidade social, forjando um sentimento de pertencimento, a partir do enquadramento nas regras e nas normas instituídas (RISIUS *et al.*, 2019).

A fabricação de *outgroups* tende a ser prática recorrente entre indivíduos de viés mais radical (SCRIVENS, 2017; MESSENBURG, 2017; RISIUS *et al.*, 2019). A narrativa se desenvolve à base de teoria conspiratória (MESSENBURG, 2017) e da recorrente ideia de que há um inimigo tramando contra “nós”, de maneira que é preciso “vencê-lo” ou se será destruído (SCRIVENS, 2017). Segundo Eco (2011), o processo de criação de inimigos não é importante apenas para a definição da identidade do “nós”, mas também para forjar um obstáculo ao qual possa ser revalidado seu sistema de valores e mostrar, durante o processo de ataque e confronto do outro, aquilo que seria o “nosso” legítimo, a “nossa” valia e a “nossa” força.

Conforme o nível de radicalidade, o teor ofensivo das conversas e a força que o grupo demonstre, esses espaços on-line são reconhecidos como potenciais riscos à sociedade e à democracia (SUNSTEIN, 2001; 2009; DANDEKAR, 2013; PERRY; SCRIVENS, 2015; SCRIVENS, 2017; BRIGHT, 2018, DARMSTADT *et al.*, 2018).

## 4 Análise empírica

### 4.1 Breve apresentação do grupo

Começamos a pesquisa no dia 18 de maio de 2019, a uma hora da manhã. Instantaneamente, um *bot* enviou uma mensagem de boas-vindas e solicitou a leitura das regras de convivência. A primeira apresentava o grupo como de direita, de apoio ao governo e voltado exclusivamente para direitistas, a fim de não haver

conflito de ideias. Entre as demais normas, havia proibições de compartilhar fotos de menores de idade, pornografia e matéria das “mídias esquerdistas”, como “Estadão, Folha de São Paulo, O Globo, Globo.com, Antagonista, Crusoé, UOL, Brasil 247, Veja etc”.

Os administradores prometiam apagar notícias falsas ou de veracidade não comprovada. Conteúdos duplicados, excesso de mensagens (*flood*), matérias caça-cliques (*clickbait*) ou adição de *bots* deveriam ser evitados. Além disso, os usuários tinham de se identificar por meio de nomes, não siglas. O descumprimento dessas ações poderia resultar em exclusão e banimento, mas, no processo de interação, nem todas as regras eram cumpridas nem as punições eram colocadas em prática.

A vigilância e o controle se exerciam mais efetivamente em relação aos “infiltrados”, de maneira que, além do uso de *bots*, os administradores fiscalizavam suspeitos. Os próprios membros do grupo alertavam a administração e denunciavam aqueles que julgavam invasores. Rapidamente, o sujeito era banido e seus vestígios, apagados.

A interação era entremeada por uma diversidade de temas, *gifs*, *prints* de *tweets*, mensagens ao presidente, *emojicons*, vídeos, fotos, *hashtags*, *links*, áudios, montagens, orações, *posts* repetidos e uma infinidade de mensagens, de saudações breves a longos textos encaminhados. Essa miscelânea de conteúdos entoava um coro nítido: “Somos todos Bolsonaro”. O apoio irrestrito ao líder parecia ser a grande força que movia os milhares de integrantes, que voluntariamente se inscreveram no grupo e digeriam nada menos do que 4,5 mil mensagens por dia.<sup>1</sup> Ali, reunidos, prometiam fazer de tudo para que o “mito” triunfasse, de boicotes a revoluções, de orações a declarações de amor.

Como sabemos, a política não é, nem pode ser, um espaço feito só de razão. Sem a emotividade, não despertaria fascínio e atração (MIGUEL, 1998), perderia boa parte de sua capacidade de engajamento e disposição para a ação política, não envolveria juízos de valor, disputa de narrativas/práticas, tampouco seria palco de intensos conflitos. Nesse sentido, o grupo é uma amostra de que Jair Bolsonaro desperta paixões.

---

1 Média observada no período.

### **Exemplo 1 – Demonstrações de afeto a Jair Bolsonaro**

[REDACTED]

Estamos junto Presidente somos um pelo outro todos por um um por todos o senhor é o melhor presidente da história o senhor é o único que eu deposito minha confiança para nos dar uma alegria o prazer o orgulho de dizer eu sou brasileira eu te amo Presidente Eu Te Amo Sérgio Moro Eu te amo Paulo Guedes

[REDACTED]

**Eu tenho amor hetero pelo meu Presidente Bolsonaro. Jamais esqueceremos nosso(s) herói!**

[REDACTED]

Como não amar um PRESIDENTE desse ?

Tem que estar com o capeta no corpo. Literalmente. Não é normal esse ódio todo!

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

Além de Bolsonaro, os ministros da Justiça, Sérgio Moro, e da Economia, Paulo Guedes, eram os que mais gozavam de prestígio. Olavo de Carvalho, conhecido como o guru do bolsonarismo, era respeitosamente chamado de professor e também tinha seus admiradores. Eles eram vistos como confiáveis, experientes, competentes e contrários ao Partido dos Trabalhadores (PT).

Os partidários tendiam a se colocar como apoiadores abnegados, vigilantes, soldados, que replicavam a opinião do líder, que tratavam com absoluta seriedade enquetes de internet e que estavam prontos para rebater acusações ou informações negativas sobre o presidente, seus filhos ou o governo. Testemunhos de “sempre estarei com o capitão!”, “verás que um filho seu não foge à luta”, “ninguém solta a mão do Jair”, “com Bolsonaro até o fim”, “mexeu com ele, mexeu comigo” e “somos seu exército” circulavam com frequência, intercambiando expressões do meio militar (como capitão, exército, batalha, tropa, soldado, avante etc) ao populismo ultradireitista inflamado, que sonha – e delira – em derrotar o *establishment*.

## Exemplo 2 – Imagens de apoio a Jair Bolsonaro



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

Os membros do grupo tentavam fortalecer a narrativa de que Bolsonaro tem muitos inimigos e que, por isso, haveria uma rede de instituições e pessoas conspirando contra ele. As palavras “*impeachment*”, “golpe”, “atentado”, “boicote” e até “querem matar o presidente” entraram em circulação e forjaram um estado de apreensão coletiva ou risco iminente, que movimentava o grupo a discutir soluções e estratégias em favor do presidente.

## Exemplo 3 – Apreensão coletiva



Pessoal, bom dia! Eu estou bem preocupada com o que está por vir! Existem planos para derrubar o Bolsonaro sim e acredito que podem atentar contra sua vida novamente! Temos que nos unir e mostrar ao mundo que somos maioria e que o Bolsonaro está lá é porque nós escolhemos.

  
Ainda tem um grupo Terrorista que planeja matar nosso presidente!  
Ou vamos as Ruas ou ele Cai

  
BR 🇧🇷 Dia 26 de MAIO vá às ruas APOIAR o BOLSONARO, pois o  
Centrão ( 🗿 ) já está articulando o impeachment do PRESIDENTE.

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

O forte partidarismo que circulava no grupo convertia o apoio em Bolsonaro na crença quase genuína de que somente ele poderia comandar o projeto de mudar o Brasil, porque “nós somos o povo”, “somos a maioria”, “vamos vencer a corrupção”, implodir o *establishment*, adorar plenamente a Deus e ter uma sociedade digna. Os apelos de que “juntos somos fortes”, “vamos às ruas” ou “Bolsonaro precisa de nós” forjavam laços de fraternidade e alimentavam a crença que parecia mover a todos: “estamos do lado certo”.

#### **4.2 As disputas em torno da manifestação**

Nos primeiros dias acompanhando o grupo, percebemos que propostas de supressão da democracia circulavam com certa ênfase. Então, essa era uma questão a ser verificada. Somente para ilustrar, nos três primeiros dias (18, 19 e 20 de maio), contabilizamos 173 referências textuais explícitas a pautas de ruptura institucional, favoráveis a pelo menos uma das seguintes narrativas: 1) tomada do poder pelas Forças Armadas; 2) convocação do artigo 142 da Constituição Federal (que no grupo tem o sentido de uma intervenção militar constitucional ou declaração de estado de sítio); e 3) fechamento do Congresso e/ou do STF.

#### Exemplo 4 – Referências textuais que pautam a ruptura institucional

Querido Presidente Bolsonaro! No meu entender, o Brasil precisa urgentemente que o Congresso seja fechado, o STF seja eliminado e o exercito brasileiro saia as ruas para colocar a ordem no País. O Sr. tem condições para fazer as mudanças necessárias juntamente com o povo, mas somente se não houver esquerda e nem centrão atrapalhando.

Meu presidente em nome do senhor Jesus pede o artigo 142 pode pedir a nação te apoia limpa os três poderes principalmente o STF por favor presidente

Acho bom meu presidente vestir o uniforme militar, essas postagem de cidadão Brasileiro, não está fazendo efeito. Esta na hora de causar um susto nos três poderes. Vcs concordam ou não? Art 142 já.

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

As justificativas para a ruptura institucional, quando ocorriam, costumavam se apoiar nas ideias de que “não há outra saída”, “Centrão e esquerda estão atrapalhando”, “o sistema está contaminado”, “o presidente não consegue governar” ou “acabe com esses petistas”.

#### Exemplo 5 – Imagens que pautam a ruptura institucional



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

Notamos ainda a rememoração e exaltação da ditadura civil-militar de 1964, a partir da reutilização e reinserção de alguns dos seus símbolos, como o *slogan* “Brasil: ame-o ou deixe-o” ou o AI-5. Também detectamos elogios ao regime como “ótima época”, “não havia corrupção” ou total negação de que houve ditadura. Essas narrativas são formas de disputar a memória do regime, por meio do apagamento de suas violências, crimes e endividamentos, bem como com a romantização e superestimação de alguns de seus feitos. Como sabemos, Jair Bolsonaro, que foi militar, é defensor declarado da ditadura de 1964 e pratica, com recorrência, a tática do negacionismo histórico – negando os crimes militares, inclusive a tortura, e criminalizando os movimentos de resistência (DIBAI, 2018).

### Exemplo 6 – Referências textuais de exaltação à ditadura civil-militar de 1964

[REDACTED]

Por que não?? Tem o AI-5 que ele pode usar tb..Pelo salvação da nação vale todos os artigos

[REDACTED]

Nossa véi 21 anos de ditadura e 21 anos sem corrupção.

[REDACTED]

Vc precisa pesquisar para saber a diferença. Ditadura está agora na Venezuela . Aqui tivemos regine militar. Melhor época do Brasil. Os militares colocaram o Brasil com desenvolvimento e saude .

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

### Exemplo 6 – Imagens de exaltação à ditadura civil-militar de 1964



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

Ao longo do período observado, as posições intervencionistas se moveram de forma interessante, com mais fôlego nos primeiros dias, até serem sufocadas a partir de 22 de maio. O processo de disputa discursiva começou, efetivamente, em 20 de maio, mesmo dia em que Bolsonaro rebateu, no Twitter, um colunista da Folha de São Paulo, que o acusava de querer fechar o Congresso e o STF, censurar a imprensa e perseguir a esquerda. O tuíte circulou no grupo. Em sua mensagem, Bolsonaro se concentrou em dizer que a notícia era falsa e tentou construir-se como “vítima”, ao mesmo tempo em que atacava a esquerda.

### Exemplo 7 – Tuíte de Bolsonaro, rebatendo o jornal Folha de S. Paulo



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

No dia 20 de maio, registramos o enfrentamento mais intenso entre os membros intervencionistas e não-intervencionistas. Ao todo, contabilizamos 69 referências textuais ao tema, sendo 35 pró-intervencionismo e 32 contrárias. Abaixo, reproduzimos parte da conversa, respeitando a sequência cronológica dos *posts*:

### Exemplo 8 - Trecho de diálogo do dia 20 de maio de 2019

[REDACTED]  
Ja devia ter fechado o Congresso e o STF ele nao servem ao Brasil e bem ao povo brasileiro

[REDACTED]  
Tem que atacar essa fake news de que a manifestação é pra fechar o supremo. Muita gente ta espalhando isso. Faz a manifestação parecer ridícula.

[REDACTED]  
Bolsonaro disse uma vez: TENQUE FECHAR O CONGRESSO NÃO FUNCIONA! Faço dele as minha palavras.

[REDACTED]  
Tem que levar cartazes COERENTES. A manifestação não é pra fechar o STF.

Cartazes devem ser para  
APOIO AO PRESIDENTE  
REFORMA DA PREVIDÊNCIA  
APOIO AO PACOTE ANTI CRIMES DO MORO

[REDACTED]  
Na minha opinião o congresso deve ser fechado. Propina deve ser reescrita como crime gravíssimo ( é de fato o é !).  
STF e STJ fechados, concurso público para ingresso e mandato de 10 anos no máximo .

[REDACTED]  
Não podemos ficar compartilhando notícias que insinuam que o Presidente ou as manifestações querem fechamento do congresso ou governo militar. A Folha de São Paulo já fez uma matéria chamando nosso predidente de Ditador

[REDACTED]  
Nosso Presidente não é e nem deseja ser ditador

[REDACTED]  
Não fechar o congresso apenas exigir um congresso útil para o bem de todo o BRASIL.

[REDACTED]  
Nao sei se essa manifestacao vai mudar o posicionamento do STF, Maia e do Centrao, acho dificil! Precisa tomar outra atitude

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

No dia 21 de maio, Bolsonaro divulgou à imprensa que não iria participar das manifestações e a notícia repercutiu no grupo. Um usuário disse: “eles não podem ir”. “Eles” é uma referência ao presidente da República, deputados aliados e ministros. Outro membro perguntou: “E ficaremos sem nosso presidente?”. Um terceiro respondeu: “Ele não pode ir, pediriam o *impeachment* dele”. Um quarto comentou: “Eles não podem ir porque fazem parte do governo”. Aparentemente satisfeitos, fizeram circular a narrativa de que o povo iria e que a ausência do presidente era uma forma de proteger o cargo e o governo.

Nos dias 21 e 22 de maio, as mensagens não-intervencionistas já eram maioria. Para ilustrar a mudança de clima no grupo, selecionamos como alguns usuários mudaram de opinião. No primeiro exemplo, o membro Y pediu explicitamente a “queda do STF”. Dois dias depois, frisou que não queria o fim da instituição, mas sua renovação. Da mesma forma, o integrante W defendeu no dia 18 de maio a convocação do artigo 142 da Constituição, mas em 22 do mesmo mês invocou o artigo 1º, de que “todo poder emana do povo”, para fortalecer o caráter “popular” da manifestação.

### **Exemplo 9 – Mudança de opinião**

Integrante Y

Vamos exigir a Queda do STF dia 26 de Maio 2019. O STF caindo, muita coisa boa virá na sequência!

Esses entre outros canalhas dominadores do atraso e caos geral do país. Dia 26 Maio 2019 o Brasil poderá derrubar este STF de imundos (não a instituição mas os que lá estão agora. Podres do Lula). Por um novo STF ! No padrão Min. Sérgio Moro !!!

Integrante W

TEMOS Q PEDIR O 142. OS PODERES ESTÃO CONCORRUPIDOS O PAÍS ESTÁ EM COMOÇÃO SOCIAL . DESORDEN ETICA ANTE SOCIAIS DE PODERES E INTERESSES PARTICULARES SOMENTE .

VAMOS SEM FREIO DE ARTIGO PRIMEIRO .  
FORÇA E HONRA BRASIL AVANÇAR .

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

A partir do dia 23 de maio, praticamente não identificamos pedidos explícitos de intervenção militar, mas o fechamento do STF e do Congresso continuou na pauta de discussão.

**Exemplo 10 - Trecho de diálogo do dia 23 de maio de 2019**

STF deveria ser fechado. Tornou-se lugar para soltar políticos corruptos e para criar leis. Absurdo!

Acho que isso deveria ser falado mesmo no domingo

Ninguém quer que fale, mas tem que ser falado

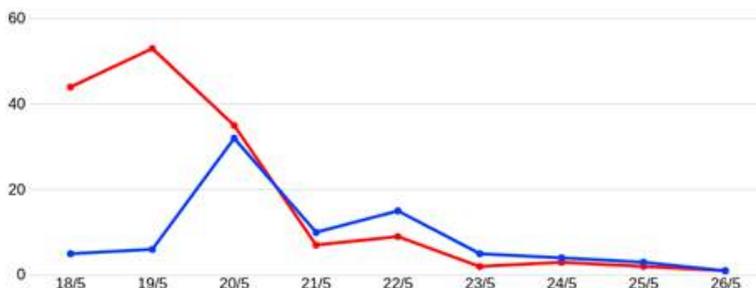
A manifestação não é pra isso. Existem pautas a seguir e essa não está nela

**Está errado**

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

Ainda no dia 23 de maio, o presidente Jair Bolsonaro tuitou, afirmando que “quem pede fechamento do Congresso ou STF está [estaria] na manifestação errada”. A declaração repercutiu por diversos veículos de comunicação, mas não foi replicada no grupo. No dia seguinte, o termo “intervenção militar” apareceu pela última vez no período analisado e apenas com posições contrárias. Pedidos pelo artigo 142 deixaram de circular e, em relação ao fechamento do STF, pauta que se mostrava a mais resistente, houve uma certa disputa até o dia 25 de maio.

### Gráfico 1 – Presença de posições pró e contra a ruptura institucional



Fonte: Elaborado pela autora.

À medida que o dia 26 de maio se aproximava, o sentido da manifestação ganhava um tom ufanista, de que os indivíduos reunidos no grupo poderiam mudar o país e garantir a governabilidade de Bolsonaro. A manifestação foi construída como um “dever patriótico e moral”, dos quais todos deviam participar, levando, inclusive, a família. As convocatórias maximizavam o protesto, transformando os partidários em “Brasil” e “povo”. Mesmo aqueles que não iriam aos atos, afirmaram-se mobilizados e prometeram vestir suas camisas personalizadas com a imagem/nome do presidente ou orar a Deus em sua proteção. Os participantes foram orientados a protestar pacificamente e evitar as “armadilhas da esquerda” – como um questionário que a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) e a União Nacional dos Estudantes (UNE) iriam circular. Até criaram uma campanha contra a hostilização dos meios de comunicação: “filmem as manifestações, porque a mídia não vai transmitir”.

### Exemplo 11 – Imagens de apoio à manifestação do dia 26 de maio



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

No dia do evento, circularam três tipos de mensagens principais: 1) apoio aos manifestantes e empolgação com a suposta grandiosidade dos atos; 2) ira contra a cobertura “tendenciosa” de telejornais que estariam ocultando os eventos e sua importância; e 3) lamentos, porque as manifestações poderiam ter sido maiores. Ao final dos protestos e começo da noite, os participantes mostraram exaltação e sentimento de “dever cumprido” após entrevista de Bolsonaro à TV Record.

Observando as imagens da manifestação postadas no grupo, notamos que o tom radical foi levado às ruas, inclusive na forma de insultos a Rodrigo Maia, MBL, STF e Centrão; no entanto, parece que os pedidos explícitos de intervenção militar e fechamento do Congresso e do STF foram substituídos pelas palavras de ordem: “Lava-Toga”, “Fora Maia!”, “Fora STF!”, “A farra acabou!”, “O Brasil contra o Centrão” etc.

## **5 Os inimigos**

No período analisado, identificamos que foram construídos novos inimigos ao bolsonarismo, com destaque para o MBL, seu ex-coordenador, Kim Kataguirí, Rodrigo Maia, o Centrão, Janaina Paschoal e o STF. A grande novidade, de fato, é a inclusão de personalidades do campo conservador no rol de inimigos, bem como a tentativa de vinculá-los à esquerda. Essa vinculação sustenta a teoria conspiratória de que todos estão mancomunados contra o presidente, a formar uma grande e poderosa conspiração para derrubar ou inviabilizar seu governo. Aqui, novamente, percebemos a estratégia de superdimensionar uma tensão ou questão, de maneira que ela pareça um problema extremo, gerando pânico e reforçando a sensação de ameaça.

No período analisado, o MBL apareceu como o grupo mais citado negativamente. O desencaixe com o movimento começa quando os partidários são informados de que a entidade se recusou a participar da manifestação do dia 26 de maio e criticou Bolsonaro. A esquerda, tradicional inimiga, fica na segunda posição, sempre construída como uma ameaça e associada a todo tipo de enredo, problema e crise. Não raro, expressões como “esquerdopatas”,

“esquerdalhas”, “lePTospiroses”, “clePTomaníacos” e “idiotas úteis” são mencionadas pelos partidários, demonstrando ódio, aversão e ridicularização.

### Exemplo 12 – Imagens ridicularizando “inimigos” construídos



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

O STF também é bastante criticado no período, muito associado às ideias de “caro e ineficiente”, injusto, petista, favorável à corrupção e que “faz mal ao Brasil”. Muitas críticas incluem pedidos para seu fechamento, mostrando haver imensa descrença e desprezo por tal instituição.

### Gráfico 2 – Presença de narrativas contra “inimigos” construídos



\* Considera-se posições negativas àquelas de sentido crítico-negativo, xingamentos, oposição

\*\* Gráfico elaborado pela autora, a partir de referências textuais, buscadas pela técnica de palavra-chave, com exclusão de links

Fonte: Elaborado pela autora.

O Centrão é compreendido como o lugar das velhas e más práticas políticas, da traição, do “toma lá dá cá”, dos interesses pessoais e antinacionais; são os barganhistas corruptos, que se vendem o tempo inteiro, que não querem que o país seja limpo, que boicotam ou constremem o governo.

Em função de figurarem como “novos” inimigos, decidimos fazer uma apresentação em separado dos casos MBL, Kim Kataguirí e Rodrigo Maia, com o objetivo de pontuar como os sentidos sobre essas personalidades e entidade se movimentaram no grupo e quais discursos foram utilizados para desconstruí-los.

### **5.1 MBL, de herói na luta anti-PT a traidor petista**

No dia 19 de maio, circulou o *link* da matéria “Cai a máscara: MBL sugere Renúncia ou Suicídio de Bolsonaro (Veja o Vídeo)”, hospedada no site Jornal da Cidade Online (CAI..., 2019). A notícia causou *frisson* no grupo e o movimento foi detratado como “traidor” e “decepção”. No dia seguinte, um membro (favorável ao MBL) postou que a organização desmentiu a matéria e a classificou como *fake news* (FAKE..., 2019). Mesmo assim, os ataques continuaram e o *link* sobre a renúncia-suicídio seguiu sendo compartilhado.

Nesse mesmo dia, uma segunda matéria do site Jornal da Cidade Online, com o título “Vídeo que o MBL apagou revela o ‘suicídio’ do movimento (Veja o Vídeo)”, foi compartilhada no grupo, porém com menor repercussão. Ainda no dia 19, circulou outra nota sobre o MBL, que dizia que o movimento estaria divulgando em massa que a manifestação do dia 26 pediria o fechamento do STF e do Congresso. Os partidários não pouparam ataques e classificaram a entidade de “oportunista” ou parte do “Centrão” e da esquerda.

Em dias seguintes, um terceiro enredo entrou em circulação. Uma postagem dizia que o MBL não apoiava as manifestações porque iria criar um partido político e lançar seu próprio candidato (que não seria Jair Bolsonaro) à presidência da República em 2022. Embora essa informação tenha sido publicada nos jornais, no grupo, ela ganhou a “interpretação” de que o MBL estaria boicotando Bolsonaro para “fins eleitorais”, versão diferente da oferecida pelo movimento, que alegou discordância com o que chamou de teor “antiliberal, anticonservador e antirrepublicano” (FORA..., 2019) dos atos. Permeando esses enredos, surgiu uma forte campanha de represália ao MBL (que circulou em todas as redes sociais), para que os apoiadores de Bolsonaro “descurtam”

as mídias sociais ou distribuam “*deslikes*” nos vídeos e publicações da entidade e também nas redes sociais de Kataguiri.<sup>2</sup> Os partidários que aderiram à campanha compartilhavam a informação no grupo. Essas tentativas de atacar diretamente ou punir aquele de quem se discorda são estratégias comumente observadas nos partidários radicais, já registradas na literatura (PIERUCCI, 1987; DIBAI, 2018; RECUERO, 2019).

### Exemplo 13 – Imagens ridicularizando o MBL



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

O movimento foi criticado ainda pela soberbia de ter reivindicado para si a “derrubada” de Dilma Rousseff ou a queda do PT, como se “estivesse feito isso sozinho”. Paralelo aos ataques, houve a tentativa de construir o discurso “não precisamos do MBL”, “esqueçam o MBL” e “podemos fazer a manifestação sem eles”, embora alguns membros tivessem se considerado “desamparados”, sem o apoio da entidade, ou a tivessem defendido, bem como a Kataguiri.

No geral, Kim Kataguiri aparece como “decepção”, aquele que “quer poder”, “moleque” e que se vendeu ao Centrão ou à esquerda. Mesmo não sendo oficialmente o líder do MBL, era a figura do movimento mais citada. Ele passou de promessa a engodo, de respeitado a detestado, de apoio importante a conspirador. Alguns partidários do grupo chegaram a dizer que se arrependeram de ter votado nele.

<sup>2</sup> Em matéria de Couto (2019), informou-se que, até o dia 21 de maio, o MBL havia perdido 158 mil seguidores em suas redes sociais.

### Exemplo 14 – Referências textuais contra Kim Kataguri

Este Kim é aparentemente esquizofrênico ou bipolar. Tem certa inteligência, mas contaminada. E isto começou a ficar notório!!! Agora as falas contra nosso Presidente Jair Bolsonaro, são podres e marcam um caráter nefasto e que NÓS brasileiros(as) temos o DEVER de cortá-lo fora e urgente da vida política brasileira!!!

Como eu odeio esse cara eu devia ter suspeitado dele quando o mbl soltou a notícia "o mbl está em todos os estados brasileiros"

Esse Kim Kataguiri Nunca Chegará A Presidência Da República! O Povo Brasileiro Já Está Bem Esperto Com A Política Hoje!BR👊❤️BRBR

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

### 5.2 Rodrigo Maia, o líder do *establishment*

O presidente da Câmara, Rodrigo Maia, que assumiu certo protagonismo no início do governo Bolsonaro, também foi uma das figuras rechaçadas. Os partidários on-line temiam sua interferência na autoridade do “Mito” e o atacavam como sabotador, traidor, corrupto, criminoso, canalha, calhorda, etc.

Os discursos, de forma geral, buscavam ofuscar sua credibilidade, imagem e atuação política. Por vezes, foi construído como aquele que não queria que o governo desse certo, que sabotava as boas intenções e ações do Executivo, que traiu Bolsonaro e travou seus projetos, que comandava ou insuflava o Centrão corrupto, que queria propina ou a manutenção das “mamatas”. Ele era visto como um empecilho ao sucesso do governo e ao projeto de Bolsonaro de “limpar” o país.

Apelidado pejorativamente de “Nhonho” ou “Rodrigo Mala”, os partidários do grupo perguntavam o porquê de Maia ainda não ter sido preso por corrupção (caso da Gol)<sup>3</sup> e queriam sua deposição

---

3 Em delação, o dono da Gol Linhas Aéreas, Henrique Constantino, cita repasse a Rodrigo Maia. Cf. Em delação... (2019).

como presidente da Câmara, acusado de ser chileno, embora ele tenha dupla nacionalidade. Em um segundo momento, quando a imprensa divulgou que a Câmara iria ter sua própria agenda, eles consideraram que Maia queria dar um “golpe branco” em Bolsonaro e, traiçoeiramente, implantar o parlamentarismo, para ser o primeiro-ministro.

### Exemplo 15 – Referências textuais contra Rodrigo Maia

Liderando está canalhice contra o Brasil, está a frente o deputado federal Rodrigo Maia do partido DEM do Rio de Janeiro, onde seus 74 mil eleitores deveriam ter vergonha de ter votado neste canalha, e esperamos que o povo carioca dê o troco em 2020 nas eleições para prefeitura e vereadores

O porco imundo nhonho está abusando cada dia. Está comprando briga com o povo. Temos que fazer uma outra manifestação depois do dia 26 para pedir impeachment do Maia. E tirar ele do congresso urgentemente

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa

### Imagem 16 – Exemplos de imagens ridicularizando Rodrigo Maia



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

As *hashtags* #foramaia e #forarodrigomaia circularam com recorrência. Em certo momento, Maia foi associado pejorativamente a Ônix Lorenzoni, ministro da Casa Civil, em quem os bolsonaristas também não confiam, embora seja ministro do governo. Uns diziam que a vitória de Maia foi culpa do Ônix e outros que

“Maia=Ônix”. O discurso no grupo era de que Bolsonaro não deveria ter confiado neles nem no DEM (partido de Ônix e Maia). A ira contra Maia também refletia a ira contra o *establishment*, uma vez que ele era visto como aquele que não queria o fim da “velha” política.

## **6 Os constrangimentos à democracia**

Acompanhando o jogo de narrativas no grupo, inferimos que as posições intervencionistas assumem um caráter antidemocrático, à medida que pregam, explicitamente, a supressão das regras, processos e princípios da democracia. A crença dos que defendem essa posição é de que os poderes Legislativo e Judiciário são inimigos do Executivo, de maneira que a tomada do poder pelas Forças Armadas garantiria o controle absoluto sobre todas as instituições, neutralizando qualquer resistência aos projetos, às medidas e às ordens de Bolsonaro. Além disso, percebem a negociação e a divergência como algo negativo, embora o próprio conceito de política preveja formas e espaços de confronto entre adversários, multiplicidade de ideias e discordância ideológica (RANCIÈRE, 1996).

Nesse sentido, é interessante notar que os militares são percebidos como grandes aliados do governo, que remodelariam as regras do jogo e dariam o poder efetivo e pleno a Bolsonaro para governar. De forma semelhante, o autoritarismo ainda figura, em uma parte do imaginário brasileiro, como um recurso possível e eficiente para resolver conflitos e tensões da política.

Ainda em relação à democracia, há outra questão que parece intrigante. Estando óbvio que os discursos pró-intervencionismo são claramente antidemocráticos, como poderiam ser avaliadas as posições não-intervencionistas? O fato de elas se colocarem contrárias à intervenção militar as tornam, por consequência, democráticas?

Mesmo que a resposta a essa pergunta seja pretensiosa e nossa capacidade de respondê-la, limitada, é importante discutirmos algumas questões, a partir dos achados da pesquisa. Conforme verificamos, as justificativas referiam-se a:

- i) a manifestação é para defender as **reformas**;
- ii) a intervenção militar ou o artigo 142 são **ineficientes**, tanto porque afastam Bolsonaro da presidência, quanto porque param o governo;
- iii) os pedidos de fechamento do Congresso/STF sofreriam **pressão da mídia e da oposição**, o que ameaça Bolsonaro, inclusive com *impeachment*;
- iv) a intervenção militar não está descartada, mas apenas como "**último recurso**".

### Exemplo 17 – Referências textuais não-intervencionistas

[REDACTED]

A intervenção das forças armadas art. 142 da CF é quando se perder totalmente a ordem no país. Ex. Venezuela.

[REDACTED]

fechar o congresso teria uma reação negativa lá fora! acredito mesmo na pressão individual sobre cada político,... em suas casas, em seu convívio ,

[REDACTED]

Bom dia galera, não vamos divulgar informação antiga, nossa pauta eh enfraquecer a oposição e mostrar força do nosso presidente, mostrar pra globo que os ataques dela não funcionam e aprovar a reforma intervenção só se tentarem abrir o impeachment

[REDACTED]

Bom dia [REDACTED], O art. 142. Vai obrigar o nosso presidente a pedir eleições em 90 dias, MAS ELE NÃO PODERÁ SER CANDIDATO! É um tiro no pé!

[REDACTED]

Uma intervenção agora pararia todas as pautas que estão no congresso, seria pior pra todos nós.

Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

A palavra democracia não aparece na justificativa desses discursos, de maneira que a preocupação central imbuída nos argumentos não parece ser a preservação ou a proteção do sistema democrático em si. A nossa hipótese é a de que as pautas intervencionistas não são condenadas e silenciadas no grupo por serem antidemocráticas, mas, sobretudo, por serem entendidas como prejudiciais ou ineficazes ao presidente e ao governo naquele momento. Seguindo essa linha, a preocupação central manifestada parece ser, efetivamente, com o presidente Bolsonaro e aquilo que é percebido como o “melhor” para ele. Bolsonaro, sim, se confirma como um valor no grupo; a democracia, não necessariamente – pelo menos não no enredo desse acontecimento, em específico.

Os partidários que aderiram, naquela circunstância, ao anti-intervencionismo não mencionaram, em sua imensa maioria, receio com o autoritarismo ou preocupação com a destruição das liberdades democráticas, mas estavam, sobretudo, focados nos possíveis prejuízos que a radicalização da pauta, quando publicizada na manifestação, frente à imprensa e à sociedade em geral, poderia causar a Bolsonaro. Assim, o medo manifestado no grupo parece muito mais vinculado à repercussão e ao possível contra-ataque da esquerda e do Centrão, do que, exatamente, à rachadura do sistema político vigente.

O pouco apreço pela democracia, manifestado por um número razoável de partidários que participavam da conversa, nesse caso, está em fina sintonia com as práticas/discursos de seu líder, ao longo de sua trajetória. Bolsonaro já pediu o fechamento do Congresso Nacional em 1993; falou na substituição do Estado laico pelo Estado cristão (2017); defende aguerridamente e romantiza uma ditadura que transformou o Estado em agente torturador e que assassinou, de forma degradante, centenas de brasileiros por divergência ideológica; pediu o fuzilamento ou desejou a morte, publicamente, de dois presidentes da República, respectivamente Fernando Henrique Cardoso (1999) e Dilma Rousseff (2011) – sem falar na homenagem pública ao torturador de Dilma, Carlos Alberto Brilhante Ustra, na sessão que votou seu *impeachment*, em 2016 (DIBAI, 2018).

De forma geral, a noção de democracia é muito porosa no grupo on-line e as instituições são hostilizadas recorrentemente. A própria leitura da conjuntura e dos problemas do país são extremadas, à base de teoria conspiratória e criação de bodes expiatórios. O extremo, aliás, começa na percepção do próprio líder, visto como o Messias Salvador. Embora tenham falado sobre participação política e poder do povo, notamos um enviesamento em suas visões de mundo, que generalizam o “povo” apenas como seus partidários. Também não foi raro usarem o termo “Brasil” para se referirem a si próprios e às pautas do governo. Desse modo, a participação popular da oposição não seria legítima, apenas a sua o seria. Os protestos democráticos são apenas os seus, os demais são vandalismo e devem ser combatidos.<sup>4</sup>

### Exemplo 18 – Imagens que utilizam os termos “povo” e “Brasil”



Fonte: Grupo on-line analisado para a pesquisa.

Com isso, finalizamos sugerindo que os partidários de Bolsonaro tendem a colocar em circulação variadas e complexas formas de antidemocracia, que não se resumem a pautas explícitas de fechamento do STF/Congresso ou de intervenção militar, mas também dizem respeito à negação ou à recusa a certos princípios e valores democráticos, como a tolerância, a divergência, o diálogo, a não admissão de formas de violência no exercício da política, etc.

No grupo, a paixão, no sentido kantiano de inclinação emocional violenta, que move o ser humano em sua conduta, escolhas, decisões e ações, o impedindo de abarcar/enxergar a totalidade, preso em um objeto/desejo ambicionado (KANT, 2006), aparece

<sup>4</sup> A manifestação dos estudantes que aconteceu anteriormente, por exemplo, foi condenada e desprezada no grupo, classificada como bagunça, desordem e arruaça.

como grande moderadora das práticas e discursos entre os apoiadores de Bolsonaro. Em nome dessa liderança, realizam-se boicotes e ataques virtuais, mobilizam-se enquetes e campanhas de “deslikes”, banaliza-se a ofensa, criminaliza-se a divergência e a animosidade corrói a tolerância. Até o deus cultuado é beligerante, tem lado, ordena, vigia, julga e pune onipresentemente, salvando apenas os “seus”.

## 7 Conclusão

Embora tenhamos enfrentado uma série de desafios e dificuldades para a realização do trabalho – desde a construção da metodologia para dados tão numerosos até os riscos de generalização, problemática recorrente quando estudamos grupos –, esperamos ter identificado importantes aspectos da disputa de sentidos em um grupo de apoiadores da ultradireita brasileira e provocado reflexões sobre certos modos de atuação e funcionamento do bolsonarismo *on-line*.

Concluímos que as posições pela ruptura institucional, numerosas no grupo, no início, vão sendo combatidas com o passar dos dias, após a interpretação de que essas “pautas” prejudicariam o presidente ou ameaçariam sua permanência no cargo. É preciso reforçarmos que embora as narrativas pela supressão da democracia tenham sido constringidas ao longo da interação, não podemos atestar que, de fato, tenha havido conversão de opinião ou que tais discursos foram silenciados duradouramente. Além disso, sugerimos que a defesa da democracia, em contraposição ao autoritarismo, não se confirma como um valor no grupo, pelo menos não expresso discursivamente.

Isso sugere que o partidarismo é um dos principais moderadores da disputa de sentidos no grupo, tanto para os intervencionistas – que apoiam medidas suprarradicais por julgarem proteger ou perpetuar o governo, diante de opositores e tantas resistências – quanto para os não-intervencionistas – que, de forma contrária, julgam que tais medidas prejudicariam o presidente, inclusive com risco de *impeachment*, perda massiva de apoio ou por comprometer demasiadamente a ordem social e inviabilizar as reformas.

Também notamos que o acontecimento analisado produziu um novo grupo de inimigos, desta vez do campo da direita, indicando rachas e divergência no espectro. Sendo Kim Kataguirí e Rodrigo Maia duas das personalidades mais atacadas, sugerimos também que houve um desencaixe maior com a direita essencialmente neoliberal. É importante frisar ainda que uma série de discursos exogrupo atuou na discussão endogrupo, gerando novas produções e reconhecimentos de sentidos, com destaque para as narrativas midiáticas, as entrevistas de aliados/opositores e os tuítes do presidente.

## REFERÊNCIAS

A AMEAÇA Bolsonaro. **Estado de São Paulo**, São Paulo, 18 mai. 2019. Disponível em: <<https://opinio.estado.com.br/noticias/notas-e-informacoes,a-ameaca-de-bolsonaro,70002833546>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ALBRECHT, S. *et al.* Introduction. In: FIELITZ, M.; THURSTON, N. (eds). **Post-Digital Cultures of the Far Right Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US**. Bielefeld: Deutsche Nationalbibliografie, 2019. p. 07 – 24.

ALMEIDA, R. A onda quebrada: evangélicos e conservadorismo. **Cadernos Pagu**, São Paulo, n. 50, p. 185 - 213, 2017.

AZEVEDO, R. Impeachment de Bolsonaro entra no radar. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 17 mai. 2019. Disponível em <<https://reinaldoazevedo.blogosfera.uol.com.br/2019/05/17/minha-coluna-na-folha-o-impeachment-de-bolsonaro-entra-no-radar/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BAUER, M. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. p. 189 - 217.

BENITES, A. Kim Kataguirí: “O governo Bolsonaro é refém de si mesmo”. **El País**, [online], 24 mai. 2019. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/23/politica/1558642121\\_108264.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/05/23/politica/1558642121_108264.html)>. Acesso em: 05 mar. 2020.

BETZ, H. The New Politics of Resentment: Radical Right-Wing Populist Parties in Western Europe. **Comparative Politics**, New York, v. 25, n. 4, p. 413 – 427, 1993.

BOLSONARO divulga texto que fala em país ingovernável fora de conchavos. **Veja**, São Paulo, 17 mai. 2019. Política. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/bolsonaro-divulga-texto-que-fala-em-pais-ingovernavel-fora-de-conchavos/>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

BRIGHT, J. Explaining the Emergence of Political Fragmentation on Social Media: The Role of Ideology and Extremism. **Journal of Computer-Mediated Communication**, London, n. 23, p. 17 – 33, 2018.

CAI a máscara: MBL sugere renúncia ou suicídio de Bolsonaro (veja o vídeo). **Jornal da Cidade**, [online], 19 mai. 2019. Disponível em: <<https://www.jornaldacidadeonline.com.br/noticias/14649/cai-a-mascara-mbl-sugere-renuncia-ou-suicidio-de-bolsonaro-veja-o-video>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

COUTO, M. Após criticar manifestação pró-governo, MBL perde 158 mil seguidores nas redes sociais. **O Globo**, [online], 25 mai. 2019. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/na-base-dos-dados/post/apos-criticar-manifestacao-pro-governo-mbl-perde-158-mil-seguidores-nas-redes-sociais.html>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

DANDEKAR, P. *et al.* Biased assimilation, homophily, and the dynamics of polarization. **PNAS**, Ithaca (NY), v. 110, n. 15, p. 5791 – 5796, 2013.

DANTAS, B. **Religião e política**: ideologia e ação da “Bancada Evangélica” na Câmara Federal. 2011. 350f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DARMSTADT, A. *et al.* The Murder of Keira: Misinformation and Hate Speech as Far-Right Online Strategies. In: FIELITZ, M.; THURSTON, N. (eds). **Post-Digital Cultures of the Far Right Online Actions and Offline Consequences in Europe and the US**. Leipzig: Deutsche Nationalbibliothek, 2018. p. 155 – 168.

DIBAI, P. **A direita radical no Brasil pós-redemocratização**: o caso de Jair Bolsonaro. 2018. 150f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Departamento de Ciência Política, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

ECO, H. Construir o inimigo. In: \_\_\_\_\_. **O inimigo e outros escritos ocasionais**. Lisboa: Gradiva Publicações, 2011.

EM DELAÇÃO, dono da Gol cita repasse a Rodrigo Maia. **Correio Braziliense**, [online], 14 mai. 2019. Política. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/14/interna\\_politica,754792/em-delacao-dono-da-gol-cita-repasse-a-rodrigo-maia.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/14/interna_politica,754792/em-delacao-dono-da-gol-cita-repasse-a-rodrigo-maia.shtml)>. Acesso em: 05 mar. 2020.

ERNESTO, M. Entenda a briga entre olavistas e militares no governo Bolsonaro. **Estado de Minas**, [online], 07 mai. 2019. Política. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/07/interna\\_politica,1051683/entenda-a-briga-entre-olavistas-e-militares-no-governo-bolsonaro.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2019/05/07/interna_politica,1051683/entenda-a-briga-entre-olavistas-e-militares-no-governo-bolsonaro.shtml)>. Acesso em: 06 mar. 2020.

FAKE News: MBL jamais propôs “renúncia ou suicídio” para Bolsonaro. **MBL News**, [online], 20 mai. 2019. Disponível em: <<https://mblnews.org/noticia/fake-news-mbl-jamais-propos-renuncia-ou-suicidio-para-bolsonaro/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

FORA de atos, MBL vira alvo de ataques de rede bolsonarista. **Veja**, São Paulo, 21 mai. 2019. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/fora-de-atos-mbl-vira-alvo-de-ataques-de-rede-bolsonarista/>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

FAUSTO NETO, A. Trajetos do corpo de uma mulher: construção e desmontagem de *fake news* na campanha digital de Jair Bolsonaro. In: CASTRO, P. C. (org.). **Circulação discursiva e transformação da sociedade**. Campinas Grande: EDUEPB, 2018. p. 213 - 235.

FELLET, J. Carlos Bolsonaro: quem é o “filho 02”, o polêmico gestor das redes sociais de Bolsonaro. **BBC News**, [online], 14 mai. 2019. Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48114042>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

GORTÁZAR, N. G. O caótico início do governo Bolsonaro. **El País**, [online], 14 abr. 2019. Brasil. Disponível em: <[https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/13/politica/1555170195\\_027248.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/13/politica/1555170195_027248.html)>. Acesso em: 06 mar. 2020.

JANAÍNA Paschoal se diz contra manifestação de apoio a Bolsonaro. **Correio Braziliense**, [online], 19 mai. 2019. Política. Disponível em: <[https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/19/interna\\_politica,755845/janaina-paschoal-se-diz-contr-manifestacao-de-apoio-a-bolsonaro.shtml](https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/19/interna_politica,755845/janaina-paschoal-se-diz-contr-manifestacao-de-apoio-a-bolsonaro.shtml)>. Acesso em: 05 mar. 2020.

KALIL, I. (coord). **Quem são e no que acreditam os eleitores de Bolsonaro**. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, [online], ou. 2018. Disponível em: <<https://www.fespsp.org.br/upload/usersfiles/2018/Relat%C3%B3rio%20para%20Site%20FESPSP.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2020.

KANT, I. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. São Paulo: Iluminuras, 2006.

MATTOS, M. General diz que Bolsonaro “parece refém” de Olavo. **Veja**, São Paulo, 10 mai. 2019. Política. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/politica/militar-do-governo-diz-que-bolsonaro-parece-refem-de-olavo/>>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MESSENERG, D. A direita que saiu do armário: a cosmovisão dos formadores de opinião dos manifestantes de direita brasileiros. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 32, n. 3, p. 621 - 647, 2017.

MIGUEL, L. F. Em torno do conceito de mito político. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, p. 01 - 12, 1998.

MINKENBERG, M. The Radical Right in Postsocialist Central and Eastern Europe: Comparative Observations and Interpretations. **East European Politics and Societies**, Berkeley, v. 16, n. 2, p. 335 - 362, 1998.

\_\_\_\_\_. The Renewal of the Radical Right: Between Modernity and Anti-modernity. **Government and Opposition**, Cambridge, v. 35, n. 2, p. 170 - 188, 2000.

MUDDE, C. **The ideology of the extreme right**. Manchester: Manchester University Press, 2000.

ORTELLADO, P.; SOLANO, E. Nova direita nas ruas?: uma análise do descompasso entre manifestantes e os convocantes dos protestos antigoverno de 2015. São Paulo: **Fundação Perseu Abramo**, v. 7, n. 11, p. 169 - 180, 2016.

PERRY, B.; SCRIVENS, R. White Pride Worldwide: Constructing Global Identities Online. In: SCHWEPPE, J.; WALTERS, M. (eds.). **The Globalisation of Hate: Internationalising Hate Crime**. New York: Chapter, 2016. p. 65 - 78.

PIERUCCI, A. F. As bases da nova direita. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 19, p. 26 - 45, 1987.

RANCIÈRE, J. O dissenso. In: NOVAES, A. (org). **A Crise da Razão**. São Paulo; Brasília; Rio de Janeiro: Companhia das Letras; Ministério da Cultura; Fundação Nacional de Arte, 1996. p. 367 - 384.

RECUERO, R. Disputas discursivas, legitimação e desinformação: o caso Veja x Bolsonaro nas eleições de 2018. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 16, n. 47, p. 432 - 458, 2019.

RISIUS, M. *et al.* Towards na understanding of conspiracy echo chambers on Facebook. In Proceedings of the 27th **European Conference on Information Systems (ECIS)**, Stockholm e Uppsala: Sweden, June 8-14, p. 1 - 12, 2019.

ROSSINI, P. Disentangling uncivil and intolerant discourse. In: BOATRIGHT, R. *et al.* (eds.). **A crisis of civility?** Contemporary research on civility, incivility, and political discourse. New York: Routledge, 2019. p. 142 - 157.

SCHULZ, A. *et al.* We Are the People and You Are Fake News: A Social Identity Approach to Populist Citizens' False Consensus and Hostile Media Perceptions. **Communication Research**, local, n. ??, p. 01 - 26, 2018.

SCRIVENS, R. **Understanding the Collective Identity of the Radical Right Online: A Mixed-Methods Approach**. 2017. 300 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – School of Criminology, Simon Fraser University, Burnaby, 2017.

SOLANO, E. **Crise da democracia e extremismo de direita**. São Paulo: Friedrich-Ebert-Stiftung - Brasil, 2018.

SUNSTEIN, C. **Echo Chambers**. Princeton: Princeton University Press, 2001.

\_\_\_\_\_. **Going to extremes: how like mind unite and divide**. New York: Oxford University Press, 2009.

TUCKER, J. A. *et al.* **Social Media, Political Polarization, and Political Disinformation: A Review of the Scientific Literature**. [s.l.]: Hewlett Foundation, 2018.

VÉRON, E. A semiose social. In: \_\_\_\_\_. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1980. p. 173 - 204.

WOJCIESZAK, M. Computer-Mediated False Consensus: Radical Online Groups, Social Networks and News Media. **Mass Communication and Society**, Pennsylvania, n. 14, p. 527 – 546, 2011.